

A ALTERIDADE PLATÔNICA NO DIÁLOGO DO SOFISTA E A SUPERAÇÃO DO NÃO-SER PARMENÍDICO

THE PLATONIC ALTERITY IN THE SOPHIST DIALOGUE AND THE OVERCOMING OF NON-BEING PARMENIDIC

Pedro Henrique de Sousa¹

Israel Simplicio Torres²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo principal a exposição da teoria ontológica platônica sobre a definição de Ser e Não-Ser que se encontram no clássico diálogo “O Sofista”. Nesta obra, Platão usa uma série de raciocínios bem trabalhados e detalhados para se chegar à proposta popularmente conhecida como *alteridade*. Até chegar a esta conclusão, o filósofo caminha em direção aos sofistas e observa o que eles faziam a fim de expor sua verdadeira natureza, falha e demagógica, além da superação e refutação da ontologia parmenídica para fundar a sua independência filosófica.

Palavras-chave: Ser. Não-Ser. Ontologia. Sofista. Alteridade.

Abstract: *The main objective of this article is the exposition of the ontological Platonic theory on the definition of being and non-being that is in its classic dialogue "the Sophist". In this work, Plato uses a series of well-crafted and detailed reasoning to reach the proposal popularly known as Otherness. Until it reaches this conclusion, the philosopher walks towards the sophists and observes what they did in order to expose their true nature, failure and demagogical, beyond the overcoming and refutation of the Parmenic ontology to end their philosophical independence.*

Keywords: *Being. Non-Being. Ontology. Sophist. Otherness.*

INTRODUÇÃO

A definição do que é o ser é uma das questões mais complexas no âmbito da história da Filosofia, em especial na Ontologia. O papel dessa área do conhecimento é, primordialmente, resolver as aporias herdadas pelo filósofo pré-socrático Parmênides de Eléia, que as inicia, ao declarar em seus poemas mítico-filosóficos: “O ser é e não pode não ser; o não ser não é e não pode ser de modo algum.”. Essa é uma discussão que percorre há tempos, e diversas respostas foram debatidas a partir das ideias do filósofo citado. No entanto, destacamos aqui uma, que dentre as mais variadas alternativas propostas, obteve seu papel de destaque pelo fato de introduzir uma solução diferenciada para algumas brechas deixadas pela escola eleática. O pensador responsável foi Platão, e na sua obra chamada “O Sofista” há um tratamento especial dessa questão, fundamentalmente pela forma como ele se propõe a discorrer e apontar os erros de Parmênides – descreve os sofistas em sua verdadeira natureza, define o papel do filósofo e, por fim, reinaugura as definições de Não-Ser.

Deste modo, compreender as propostas que existiam no contexto da criação do argumento platônico é fundamental. Sabe-se que os entendimentos e definições sobre “ser” predominantes na época

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: pedrohsousa5@gmail.com

² Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: israelsimplicio161@gmail.com

de Platão eram os da escola eleática, juntamente da divergente análise da realidade por Heráclito de Éfeso. As concepções de ambos sobre a realidade eram conflitantes, e as influências das suas teses se enraizavam nas demais correntes que surgiam na época. Afinal, o ser é imóvel ou é móvel³?

Para Heráclito, “*panta rhei*” ou “Tudo escorre e se move” – o devir é uma estrutura indispensável da realidade. “O obscuro”, como era chamado, herdou o dinamismo universal dos filósofos de Mileto, que perceberam e relataram o nascer, crescer e perecer do mundo e toda a sua dinâmica necessariamente implícita. Sua célebre frase - “Não poder banhar no mesmo rio duas vezes” - é apenas uma inferência à “harmonia dos contrários”, que é proposta em seu livro “Sobre a natureza”. Assim, é fácil entender o porquê de as coisas quentes tornarem-se frias, o úmido tornar-se seco, e o jovem vir a ser velho. A passagem de um estado ao seu inverso revela o caráter de uma guerra que traz harmonia e ordenação ao mundo. O ser para Heráclito, portanto, seria móvel, pois a mudança é fato inegável da realidade sensível.

Em contrapartida, Parmênides estabelece o princípio de que o ser é, e o não-ser nada mais é que uma negação gramatical, sem correspondência na realidade⁴. Fora dos limites “redondos, perfeitos e bem definidos” do ser, não há nada. O ser também não pode ter sido gerado, pois isso implicaria sua derivação de algo que não existe, logo, não-ser. Além disso, é eterno, pois não se pode haver nada antes, nem depois, e é uno. Deste modo, o ser é entendido como correspondência na linguagem⁵ e no pensamento. Fora desses limites, trata-se apenas do vazio, uma via inexistente. Dado as características do ser parmenídico, define-se então como imóvel.

Os sofistas, no entanto, utilizavam-se das definições parmenídicas com o intuito de mostrar a validade de sua retórica. Se tudo que existe pode ser dito e corresponde ao ser – e, portanto, a verdade – tudo que está no discurso é passível de ser verdadeiro. Assim, a validade do conhecimento se reduzia, em um conflito de ideias, um mero jogo de quem argumenta melhor. Platão percebeu essa problemática e tratou de corrigir os furos da argumentação de Parmênides.

1. AS DEFINIÇÕES DE SOFISTA

A obra, antes de começar a definir propriamente os sofistas, procura fazer uma comparação, identificando-os com trabalhos humanos. O exemplo usado para fazer a comparação é o de pescador. Mas, por que pescador? A resposta dada visa mostrar duas características que ambos têm: a primeira está relacionada à arte da aquisição, pois são caçadores e possuem formas de atrair e de envolver quem são suas presas. A segunda está ligada ao tipo de animal que procuram: o pescador busca por animais aquáticos; o sofista busca por animais terrestres – o homem. Essa forma

³ Compreender o ser como “imóvel” é aceitar a tese de que aquilo que é, não muda, mas é eterno. Como “móvel”, entendemos que nada permanece, e tudo na realidade é passível de mudanças.

⁴ Ontologicamente, ele inaugurou o “princípio de identidade”, fundamental para as formulações lógicas.

⁵ Não se trata de qualquer discurso. A *doxa* – opinião – que é praticada por pessoas comuns, sem o conhecimento filosófico é ligada ao mundo sensível e corruptível. A contingência da realidade sensível, em Parmênides implica falsidade. Portanto, somente o filósofo, iluminado pela razão (ilustrada com uma deusa sem seus poemas) pode alcançar e dizer a verdade. Para melhores explicações Cf. Soares, Márcio Soares. **Sobre ser, pensamento e discurso no poema de Parmênides**. Porto Alegre: Intuito: PPG em Filosofia da PUCRS. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/4132/3357>. Acesso em: 03-nov-2018.

de comparar, de separar em dois, até as partes menores, segue por toda obra como uma forma de deixar claro para o leitor os conceitos desenvolvidos no diálogo⁶. Dito isto, partiremos agora para as definições de sofista.

A primeira definição é a de *Caçador interesseiro de jovens ricos*. Tal definição lhe foi atribuída pelo fato de que este tipo, em especial, tinha interesse em jovens de boas condições financeiras, da alta sociedade, para ganhar dinheiro ensinando-os. A segunda definição é a de *Comerciante em ciências*, que por sua vez, vai de cidade em cidade, vendendo supostos “conhecimentos” que ele mesmo produziu ou copiou de outros. Essa característica está exposta na terceira e quarta definição de sofista, que o define como um *pequeno vendedor em graus diferentes*. Ele é um vendedor de primeira mão quando produz o “conhecimento” (ou virtude)⁷ que irá vender; e ele se torna um de segunda mão quando copia algum “conhecimento” produzido por outrem e vende como fosse seu. As outras duas definições dadas estão intrinsecamente juntas e se relacionam, são elas: *erístico mercenário e refutador*. O erístico tem por finalidade apresentar o seu discurso de uma maneira que seja irrefutável, e que possuam em suas perguntas e respostas o convencimento de que precisa para não ser contestado por quem lhe ouve, pois ele não tem compromisso com a verdade.

O refutador, por sua vez, exerce um papel até um pouco “místico”, nas palavras de Platão, pois é visto como um purificador de almas. Sua função, na prática, seria livrar as pobres almas que lhe procuravam das opiniões que eram expostas, procurando evitar os obstáculos para o que seria considerado o “verdadeiro conhecimento”. Todavia, esse tal “conhecimento verdadeiro”, defendido por alguns sofistas, era contrário às noções epistemológicas defendidas por Platão.

2. A ONTOLOGIA PLATÔNICA

Dadas às definições de sofista que o texto nos apresenta, começaremos então a discutir a ideia de Não-Ser na obra supracitada. Logo, Platão se vê na necessidade de questionar algumas teorias antigas sobre a definição de ser, que estão ligadas aos Pré-Socráticos, enquanto discutiam sobre o princípio originário de todas as coisas – a *arché* – sendo elas a pluralista, a unitária e a materialista. A primeira, diz que nada é uno, mas que no universo há apenas diversidade, e que tudo é ser. A segunda se contrapõe, afirmando que não há multiplicidade na *physis*, mas o que existe é um Ser, que é fixo e não se altera, e que não é compatível com qualquer ideia de pluralidade⁸. Por fim, a terceira, que aponta que tudo se reduz a matéria e que como ela se finda em algum momento, a ideia de ser também termina.

2.1 A DEFINIÇÃO DE SER

Para que agora se esclareça o que é o “Não-Ser”, temos que primeiro partir da definição de “ser” proposta por Platão. A explanação é feita a partir dos mobilistas e estáticos. Vejamos:

⁶ Platão definia o método dialético como a principal forma para se chegar à verdade. Como define o filósofo brasileiro Mario Ferreira dos Santos, ao abordar as funções dessa metodologia nas obras platônicas: “Caberia à dialética, como ciência das ideias, distinguir quais as que concordam e quais as que excluem, bem como quais as que unem e as que dividem, bem como classificá-las”.

⁷ O tipo de conhecimento que os sofistas vendiam se referiam às virtudes.

⁸ Mais à frente, Platão admite em algum grau as ideias pluralistas e unitárias. Porém, no presente momento o que ele não vai admitir é um dos lados tomando partido de um em detrimento de outro. Ele quer, no fim das contas, unir essas duas ideias para tentar resolver o problema do Uno e do Múltiplo.

“Ao filósofo, pois, e a quem quer que coloque este bem acima de todos, parece prescrever-se uma regra absoluta: recusar a doutrina da imobilidade universal que professam os defensores ou do Uno ou das formas múltiplas, bem como não ouvir aos que fazem o ser mover-se em todos os sentidos. É preciso que imite as crianças que querem ambos ao mesmo tempo, admitindo tudo o que é imóvel e tudo o que se move, o ser e o Todo, ao mesmo tempo”.⁹

Platão não descarta totalmente a ideia dos filósofos anteriores, sobretudo ele tem a intenção de sintetizá-las, buscando a harmonia tanto de um lado, que afirmava que o ser é uno, tanto do outro, em que o ser é múltiplo. Como ele mesmo aponta, “é preciso que imite as crianças que querem ambos ao mesmo tempo”. Para que se possa fazer isso, ele demonstra como isso pode ser feito por algo que ele denomina de “Ciência da Dialética”, sendo esse o meio para se chegar à verdade, e assim, afirma dizendo:

“(…) Não haverá necessidade de uma ciência que nos oriente através do discurso, se quisermos apontar com exatidão quais os gêneros que são mutuamente concordes e quais os outros que não podem suportar-se, e mostrar mesmo, se há alguns que, estabelecendo a continuidade através de todos, tornam possíveis suas combinações (...) não é essa, como diríamos a obra da ciência dialética?”⁵.

A dialética colocada por Platão pode ser compreendida de duas formas: a primeira está intrinsecamente ligada ao método em si, que serve para separar as coisas em graus ou gêneros, podendo assim analisar parte a parte antes de concluir algo acerca do objeto, ou dos objetos que estão sendo estudados. Não obstante, por outro sentido, o historiador da filosofia Giovanni Reale, mostra que esse método dialético tem como finalidade ajudar o filósofo a chegar a um nível de liberdade ascendente que o conduz para o mundo das ideias, para que assim alcance total da verdade, ou se não, pelo menos que a busque, que esteja no seu caminho.

Após essa divisão, ele procura clarificar ainda mais a ideia de “ser”, “repouso”, “movimento” e o “outro”, buscando conciliar o mover com o estático, possibilitando a existência de ambas na natureza. Platão, através de um dos personagens, o Estrangeiro, diz:

“Então o movimento é o mesmo, e não o mesmo: é necessário convir nesse ponto sem nos afligirmos, pois, quando dizemos o mesmo e não o mesmo, não nos referimos às mesmas relações. Quando afirmamos que ele é o mesmo é porque, em si mesmo, ele participa do mesmo, e quando dizemos que ele não é o mesmo, é em consequência de sua comunidade com "o outro", comunidade esta que o separa do "mesmo" e o torna não-mesmo, e sim outro; de sorte que, neste caso, temos o direito de chamá-lo "não-o-mesmo".¹⁰

⁹ Platão. Diálogos: **O Sofista**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. — 5. ed. — São Paulo: Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores). pg. 171. (249d)

⁵ Idem. Ibid. pg. 176. (253c) e (253d)

¹⁰ Platão. Diálogos: **O Sofista**. pg.180. (256b)

2.2 NÃO-SER

Depois desta longa definição do que é o ser, e de como Platão consegue unir teorias aparentemente tão opostas, ele dá a definição de não-ser e, nesse mesmo movimento, ele refuta a ideia dos sofistas, que possuem um discurso falacioso escondido na ideia da “não existência do não-ser” colocada por Parmênides. Assim, recorrendo mais uma vez a obra, o personagem Estrangeiro usa como exemplo o movimento para explicar a diferença entre o repouso e o ser. Mas, que fique claro que, o diferente não significa “sem existência” – pois há movimento – e sim aquilo difere do outro, pois mesmo o movimento sendo o não-ser (já que é o “outro” do estático), ele é, pois participa do ser e da comunidade¹¹. Nas palavras de Platão, por meio do Estrangeiro:

“Segue-se, pois, necessariamente, que há um ser do não-ser, não somente no movimento, mas em toda a série dos gêneros; pois na verdade, em todos eles a natureza do outro faz cada um deles outro que não o ser e, por isso mesmo, não-ser. Assim, universalmente, por essa relação, chamaremos a todos, corretamente, não-ser; e ao contrário, pelo fato de eles participarem do ser, diremos que são seres. (...). Assim, cada forma encerra uma multiplicidade de ser e uma quantidade infinita de não-ser.”¹²

Deste modo, ele conclui seu pensamento dizendo que, quando há uma parte da natureza que se opõe, esta oposição “não deixa de ser”, pois a exposição dos contrários nada é mais do que aquilo que é diferente dele, e isso é chamado de **alteridade**: aquilo que é diferente do outro e não deixa de ser. É aquilo que não perde a sua essência quando é posto diante de algo que não é ele mesmo. Eis a definição de “não-ser” em Platão.

3. A DEFINIÇÃO DA ARTE SOFÍSTICA: A MIMÉTICA

Em consequência disso, para entender como funciona essa relação da arte com o sofista, é preciso entender como Platão enxergava a arte de um modo geral. O belo é relacionado com a verdade e a perfeição, e tem valor em si mesmo, pois se trata de uma ideia do Hiperurânio¹³. A beleza das coisas sensíveis, então, estaria ligada a uma relação mais forte ou mais fraca com essa ideia. A crítica de Platão aos artistas se dá nessa “cópia”, que corrompe a real natureza da beleza.

Agora surge a pergunta: como isso se infere aos sofistas? A resposta não é tão simples. Antes, é necessário que se faça a compreensão do uso do não-ser de Parmênides e a forma como os sofistas aplicavam isso ao discurso. Fundamentalmente, a ideia era de que tudo aquilo que é “não-ser”, não pode de modo algum ser dito ou pensado, e nem era possível ao discurso. Só poderiam falar do ser, daquilo que existe, e eis aonde que reside o problema, pois eles poderiam falar sobre qualquer coisa, mesmo que não fosse verdade, e usar desse argumento para justificar suas proposições como verdadeiras, podendo, assim, lucrar – que era o seu principal objetivo.

¹¹ A noção de comunidade aqui é de suma importância para que se entenda a relação entre Ser e Não-Ser, pois só é possível conceber os dois se houver essa ideia. A “comunidade” seria a condição da possibilidade da unidade e da multiplicidade, conciliando uma ideia em seu contrário, não anulando nem uma, nem a outra, e tornando a coexistência de diferentes graus de ser, possíveis.

¹² Id. Ibidem. Pg. 301-302.

¹³ “Além dos céus” etimologicamente. O também conhecido como mundo inteligível ou das ideias em Platão, representa uma realidade além da sensível, onde todas as formas, essências e o verdadeiro ser das coisas se encontram.

Portanto, de forma análoga, assim como a arte demonstra algo que não é verdadeiro, o sofista assim o faz quando discursa, vendendo suas supostas virtudes falsas, que não tinham outro propósito a não ser o lucro. Como o texto coloca:

“Assim, esta arte de contradição que, pela parte irônica de uma arte fundada apenas sobre a opinião, faz parte da mimética e, pelo gênero que produz os simulacros, se prende à arte de criar imagens; esta porção, não divina, mas humana, da arte de produção que, possuindo o discurso por domínio próprio, através dele produz suas ilusões, eis aquilo de que podemos dizer "que é a raça e o sangue" do autêntico sofista, afirmando, ao que parece, a pura verdade”.¹⁴

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, pode-se concluir da obra “O Sofista” uma busca de Platão em mostrar a falta de preocupação dos sofistas com a verdade, e como essa é essencial para a atividade filosófica e pesquisa ontológica. Aquele que vende discursos sem a sinceridade da relevância do tema, que busca apenas o dinheiro e o reconhecimento não tem compromisso com aquilo que, de fato, é.

A refutação do Parmênides se fez necessária justamente para delimitar as verdades como aquelas que correspondem à realidade. Além da superação do Eleatismo, a reafirmação do método dialético, onde um sujeito, através de perguntas, instiga o conhecer do próximo se mostrou fundamental; a maiêutica socrática agora, além dos usos de mitos e deuses para explicar um determinado assunto¹⁵, se propôs a fazer uso inteiro da razão para o “partear” dos conceitos.

Sobretudo, a alteridade solucionou as aporias do ser e não-ser parmenídico. Entender que uma coisa e sua contraversão podem coexistir na *physis* é admitir a pluralidade das coisas e seus movimentos. O livro não faz menções ao Hiperurânio – Mundo das ideias – mas, com conhecimentos prévios de outros diálogos platônicos, a conciliação entre Parmênides e Heráclito está justamente na concepção de que os diferentes coexistem e não anulam a existência do outro. Respectivamente representam: Um mundo de formas eternas é o mundo das ideias. Lá, sabe-se que todas as ideias são perfeitas e belas, bem fechadas e redondas com aquilo que as define, eternas; E o mundo sensível, existe pelas leis do espaço e do tempo, além da matéria, esta que é sujeita às mudanças. Esse mundo nada mais é que uma cópia imperfeita do mundo inteligível, tudo tem um fim e um recomeço, o ciclo do cosmos.

REFERÊNCIAS

PLATÃO. Diálogos: **O Sofista**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João. Cruz Costa. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1991. — (Os pensadores).

SOARES, Marcio. **Sobre ser, pensamento e discurso no poema de Parmênides**. Porto Alegre: Intuitio: Revista do PPG em Filosofia da PUCRS, 2008. Disponível em:

¹⁴ Platão. Diálogos: **O Sofista**. Pg. 195. (268b)

¹⁵ Esta obra representa uma ruptura de Platão com Sócrates. Nesse diálogo, o antigo protagonista das obras platônicas deu espaço ao estrangeiro de Eléia e ao Teeteto. Também é possível notar uma preocupação maior em desenvolver argumentos sem o uso de alegorias, comum dos diálogos socráticos. A frase usada pelo Estrangeiro – “Precisamos provar, pela força de nossos argumentos” – revela bem a nova mentalidade, e até maturidade e independência de Platão.

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/4132/3357>. Acesso em: 03-nov-2018.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: PAULUS, 1990. – (Coleção Filosofia).

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Convite à filosofia e à história da filosofia**. 5 - Ed. LOGOS, 1966.